



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**EMILLY KELEM SOUSA SILVA**

**A MARCA QUE SINALIZA:  
O CUTTING NO INSTANTE EM QUE DIZ NO CORPO**

**MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)**

**2021**

EMILLY KELEM SOUSA SILVA

A MARCA QUE SINALIZA:  
O CUTTING NO INSTANTE EM QUE DIZ NO CORPO

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema do Tocantins para obtenção do título de Psicóloga, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586m Silva, Emilly Kelem Sousa.  
A marca que sinaliza: o cutting no instante em que diz no corpo. / Emilly Kelem Sousa Silva. – Miracema, TO, 2021.  
43 f.  
  
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2021.  
Orientador: Carlos Mendes Rosa  
  
1. Automutilação. 2. Ser. 3. Psicanálise. 4. Amor. I. Título

**CDD 150**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

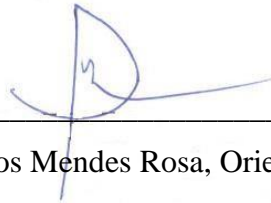
EMILLY KELEM SOUSA SILVA

A MARCA QUE SINALIZA:  
O CUTTING NO INSTANTE EM QUE DIZ NO CORPO

Artigo apresentado e avaliado à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins – Campus  
Universitário de Miracema do Tocantins,  
Curso de Psicologia para a obtenção do título  
de Psicóloga e aprovado em sua forma final  
pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

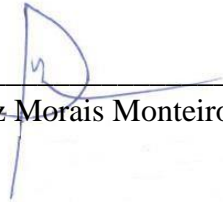
Data de Aprovação: 20 / 04 / 2021

Banca examinadora:



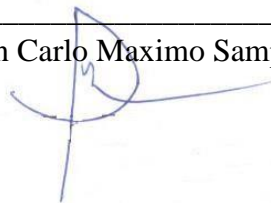
---

Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa, Orientador, UFT.



---

Profa. Dra. Jamile Luz Morais Monteiro, Examinadora, UFT.



---

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Examinador, UFT

Dedico este trabalho à minha família, em especial a minha mãe que nunca desistiu de sonhar e caminhar comigo. Essa jornada só foi possível com vocês ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, o fundamento da minha fé. Desde o início, e em todo o momento, o Senhor esteve comigo e me sustentou durante essa caminhada. Sem Ele minha vida não seria possível.

Agradeço à família, em especial minha mãe (Aldaene), pai (Josival) e irmãos (Mateus e Lucas). Vocês são lar, base, suporte, companhia e afeto. Saibam que todas as minhas conquistas serão sempre suas também.

Ao Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa, pela orientação nesse trabalho que é apenas um reflexo da nossa jornada desde o início do curso. Obrigada por me convidar a fazer parte das suas atividades em pesquisa e extensão, mas primordialmente pela amizade e confiança depositada durante esse percurso de formação.

Ao Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio e a Profa. Dra. Jamile Luz Morais Monteiro, que se dispuseram a compor minha banca avaliadora. Sinto-me privilegiada por terem aceito ao convite e por ter vocês como referência de excelentes profissionais.

A todas as pessoas que participaram direta e indiretamente na produção desse trabalho, em especial Sara, Maria, Jonas, Raimara, Ingrid, Kersia e, a Pr. Marta. Meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O artigo analisa o fenômeno da automutilação e a sua relação com o sujeito que a vivencia. O estudo foi realizado no âmbito de um trabalho de conclusão de curso, no qual, por meio do método “instante de dizer”, foi desenvolvido essa pesquisa com base em dois casos de autolesão na cidade de Araguaína – Tocantins. Inspirados em pressupostos da Psicanálise, considerou-se suas constituições teóricas para pensar e analisar o fenômeno em questão na realidade singular do (a) participante. Foi possível observar que os cortes no corpo sinalizam os registros do não nomeável e que muitas vezes vem como a única resposta do sujeito diante daquilo que se apresenta a ele enquanto dor e sofrimento. Além disso, o amor como algo multifacetado e polissêmico entra nesse cenário como uma das possíveis saídas para o problema da existência humana. Assim, nota-se a importância de criar espaços de escuta que acolhe a dor inassimilável do (a) participante e tenta transformá-la em dor simbolizada, fazendo nascer do que está feita de carne ou de pedra no sujeito, quanto lugar de vazio, algo novo o qual só será alguma coisa na medida em que lhe é dado significação naquilo que ainda não se sabe, mas se refere a sua própria largueza.

**Palavras-chave:** Automutilação. Ser. Psicanálise. Amor.

## **ABSTRACT**

The article analyzes the phenomenon of self-mutilation and its relationship with the subject who experiences it. The study was carried out as part of a course conclusion work, in which, through the “instant to say” method, this research was developed based on two cases of self-harm in the city of Araguaína - Tocantins. Inspired by Psychoanalysis assumptions, its theoretical constitutions were considered to think and analyze the phenomenon in question in the singular reality of the participant. It was possible to observe that the cuts in the body signal the records of the unnamed and that often comes as the subject's only response to what is presented to him as pain and suffering. In addition, love as something multifaceted and polysemic enters this scenario as one of the possible solutions to the problem of human existence. Thus, it is noted the importance of creating spaces for listening that welcomes the participant's insurmountable pain and tries to transform it into symbolized pain, giving rise to what is made of flesh or stone in the subject, as a place of emptiness, something new which will only be something to the extent that it is given meaning in what is not yet known, but refers to its own breadth.

**Keywords:** Self-mutilation. Exist. Psychoanalysis. Love.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 No caminho da pesquisa.....</b>	<b>9</b>
<b>2 AUTOMUTILAÇÃO (CUTTING).....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Corpo em Psicanálise.....</b>	<b>16</b>
<b>3 PENSANDO O SER NO SOMOS.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 O encontro com o outro mediante a arte de amar.....</b>	<b>22</b>
<b>4 ANÁLISES E DISCUSSÕES A PARTIR DO INSTANTE DE DIZER.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1 A lembrança na pele e a angústia de William.....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 A Aurora da culpa no ser.....</b>	<b>32</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa caracteriza-se por ser um trabalho de conclusão do curso em Psicologia da Universidade Federal do Tocantins, câmpus Miracema do Tocantins. O objetivo do trabalho consiste em desenvolver uma análise frente a problemática do *cutting* ou mais conhecido como automutilação – a qual entendemos se encontrar dentro do campo das formações de objeto *a*.

A partir das temáticas da dor e do amor na perspectiva teórica da Psicanálise, bem como os pressupostos psicanalíticos sobre a temática da automutilação; a pesquisa vem com a tentativa de responder à algumas questões: O que vem a propiciar as ações de automutilação? Qual o sentido do corte no corpo para o sujeito que o vivencia? O que fazer frente a “isso” que muitas vezes é difícil de nomear?

### 1.1 No caminho da pesquisa

Se em um instante se nasce, e se morre em um instante,  
um instante é bastante para viver.  
Clarice Lispector (1998)

Como as escolhas temáticas não são, por caráter, nem verificáveis nem refutáveis, o homem da ciência para Holton (1973) coloca-se em jogo, enquanto profissional e intelectual, durante a elaboração de sua análise teórica e por meio de sua imaginação temática. Trata-se de uma investigação com sua parte de risco. A escolha pela temática dessa pesquisa não está distante disso.

Assim, compreende-se que numa investigação, a dúvida é o engenho de toda pesquisa hábil à emergência de conhecimentos que vêm com a tentativa de obter certezas, o qual sem isso, o trabalho investigativo do pesquisador só poderia florescer de maneira indecisa e improdutiva (DEL VOLGO, 1998). Logo, a elaboração de qualquer pesquisa/método passa pela via do caminho, assim como afirmou Freud (1905/2019) em seu percurso de fundação da psicanálise, ali onde se esforçava por curar as psiconeuroses.

Dito isto, a metodologia, o caminho, a estrada em que a presente pesquisa se desenvolverá é de natureza qualitativa, a qual será utilizado para obtenção dos dados e análise, numa ordem metodológica, o dispositivo proposto por Marie-José Del Volgo (1998), nomeado como “instante de dizer”, o qual assume *status* de uma primeira entrevista analítica.

A originalidade do “instante de dizer”, bem como o seu enquadre, aconteceu num laboratório hospitalar de exploração respiratória onde a autora – com doutorado em Psicologia

Clínica – trabalha como médica. Nesse lugar, os pacientes são encaminhados devido a uma sintomatologia somática que é necessário investigar e diagnosticar.

Dessa maneira, a perspectiva metodológica proposta pela autora como primeira escuta clínica, encontra-se estritamente entrelaçada com o método analítico, no qual o interesse nesse domínio está submetido às pressões e limites da fala e da linguagem ordenados pela transferência.

Marie-José Del Volgo (2004) ao estruturar e fundamentar o método “instante de dizer”, considera a realidade psíquica do paciente e a realidade material da doença, dentro de uma complementaridade dos métodos: objetivo, para a investigação médico-biológica, e intersubjetivo para a psicopatologia clínica e a psicanálise. Vale ressaltar ainda que o instante de dizer toma como referência a assertiva do tempo lógico lacaniano: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.

É a partir da primeira palavra pronunciada pelo “Eu” que se segue o trabalho de elaboração da queixa no “instante de dizer”, no qual o mesmo é livre para escolher seus dizeres – os pensamentos inconscientemente determinados. A associação livre é facilitada no percurso da entrevista de maneira que a transferência se estenda livremente, pois o interesse está na atualidade transferencial do dito “somático” (DEL VOLGO, 1998, p. 143-145).

Nessas condições o paciente pode ser levado, a partir do vínculo com o entrevistador e nas associações tanto de suas lembranças quanto de seus fonemas, a historicizar seu sofrimento e a entender sua queixa de uma maneira ainda inédita (DEL VOLGO, 1998, p. 145). É como escreve M. Merleau-Ponty (1945, p. 16), “uma história recontada pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um trabalho de filosofia”.

Lacan (1953/1998) escreve sobre a importância do trabalho de interpretação histórica ao afirmar “o que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente, é sua história” (p. 261). Dessa forma, ao levar o (a) participante a historicizar sua queixa o mesmo aprende a reconhecer a dimensão inconsciente de seu discurso (DEL VOLGO, 1998, p. 146).

No caminhar da entrevista, o “Eu” coloca em ordem os acontecimentos de sua história – ao historicizar sua queixa – e o médico acompanhando-o, sem perturbá-lo com questões intrusivas e inoportunas, permiti assim o discurso fluir. Nisso, o paciente aprende que os fatos do dito não se reduzem aos acontecimentos, pois trata-se da história fora do tempo real. Logo, a verdade da vez está nesse silêncio, nesse esquecimento, e não no acontecimento histórico impossível de ser achado fora do campo de sua reconstrução (DEL VOLGO, 1998, p. 146).

Dessa forma, segundo a autora, o “instante de dizer” pode ser descrito como um tempo que toma sentido e encontra seu limite na situação de um breve encontro. Ele inclui “o tempo

para compreender”, que pode ser reconduzido a esse tempo de dizer. Trata-se também de um instante de gênese, no sentido em que é criador de acontecimentos psíquicos. Por ser um tempo que deixa a lembrança de um encontro e traços na história do paciente e de quem escuta, é assim produtor de reelaboração e de reconstrução (DEL VOLGO, 1998, p. 29).

Freud escreve que a história da doença se exhibe como um romance e não como um escrito científico, pois tanto a doença quanto seu romance revelam-se propriamente humanos e derivam de uma construção do sujeito doente. Ou seja, a doença é o traço humano que excita o duplo encontro do momento do dizer. Dessa maneira, essa vida que faz mal é a doença de uma memória ferida. O romance com a doença é esse romance que Freud escolheu escutar e escrever (FREUD, 1895 apud DEL VOLGO, 1998, p. 29-30).

Essa abordagem metodológica supõe uma total abstinência em objeto de causalidade, pois o método não pretende estabelecer a exatidão do que causa a doença, mas sim o sentido e a função intersubjetiva que ela toma em seu diálogo com o profissional que escuta (DEL VOLGO, 1998, p. 40).

É quando nos colocamos a escutar as palavras daquele que fala, que passamos ao extenso de um falar. Dessa maneira, no “instante de dizer” trata-se de reconhecer com o paciente seu direito irrecusável de provocar mitos sobre sua doença, sua história, e que muitas vezes são consideradas como nulo (DEL VOLGO, 1998, p. 39).

A proposta do “instante de dizer” não se refere à limitação de uma técnica, mas sim proporcionar uma abertura à fala plena e autêntica; um discurso diferente de uma conversa comum. É como escreve Lacan (1953-1954, p. 306) “há no paciente abertura para a transferência somente pelo fato de ele se colocar na posição de se confessar na fala, e buscar sua verdade no limite, no limite que está aí, no analista”.

Pelo trabalho da historização da doença/sintoma, com o qual se cria uma narrativa, o paciente pode sair do retraimento narcísico e voltar-se para o objeto exterior, em direção ao Outro; ou seja, o discurso do inconsciente. Ao colocar a dor e o sofrimento em palavras, o amor ou o ódio são transferidos do órgão dolorido e doente para o objeto, isto é, para o profissional “psi”, pois permite ao paciente o acesso a realidade psíquica do seu sintoma, unindo-o ao seu sentido simbólico e imaginário (DEL VOLGO, 1998, p. 191).

O sintoma aqui mencionado, é compreendido como representação de um mal-estar que se impõe a nós, além de nós e que nos interpela. É descrita com palavras e metáforas inesperadas. Mas o sintoma é também um ato involuntário, produzido sem intencionalidade e além de qualquer saber consciente; ou seja, trata-se de uma manifestação do inconsciente

(FREUD, 1925-1926). É esse para além do somático – e diz aquilo da história do ser que ficou em sofrimento –, que se dispõe a ouvir o “instante de dizer”.

Por fim, o “instante de dizer” possível no contexto de um dispositivo de intervenção breve, equivale a um quase nada, à algumas palavras e alguns fonemas na transferência de um pouco de tempo, de uma pausa nos processos de passividade da instituição, de um pouco de ruído tornando-se fala. Ou seja, é um dito que a técnica poupa, mas o “instante de dizer” convoca (DEL VOLGO 1998, p. 193-194).

Esse dito é compreendido aqui – segundo os escritos de Nasio (1993, p. 59-60) em “Cinco lições sobre a teoria de Lacan” –, como o ato de pronunciar um dizer, esse que pode ser definido como um dito ainda não dito, ou como algo já falado no passado e à espera de reaparecer. Logo, o que foi pronunciado durante uma fala tem valor de ato: o de dizer. Esse enredo condensa unicamente em si o conjunto da cadeia de dizeres inconscientes e recalçados.

Tomado conhecimento de que o percurso metodológico desse trabalho se baseia no referencial teórico da Psicanálise, é importante destacar algumas considerações. Freud (1911-1913, p. 69) faz recomendações àqueles que exercem a psicanálise; ou seja, na execução, pesquisa e tratamento coincidem, no entanto, chegará um certo ponto em que a técnica exigida por uma oporá à requerida pela outra. Logo, na psicanálise recomenda-se não trabalhar cientificamente em um certo caso enquanto estiver ocorrendo; pois casos que são dedicados a propósitos científicos, e assim tratados, podem sofrer em seu resultado.

Portanto, a presente pesquisa se caracteriza como um trabalho de conclusão de curso, e nesse sentido a proposta não se enquadra em uma realização de atendimento Psicoterápico ou uma Análise na íntegra com os participantes. A escuta e o olhar para o problema terão como base teórica a psicanálise, todavia, seu desenvolvimento se dará no âmbito de uma pesquisa qualitativa.

Existem alguns estudos sobre o fenômeno da automutilação, todavia, o maior interesse nessa pesquisa acha-se em ouvir o que se conta sobre o fenômeno vivido, pois ao dizer, o sujeito evoca memórias de vivências e de experiências adquiridas que da sua história ficou em sofrimento. Mesmo num âmbito de pesquisa, podemos construir, a partir da psicanálise, um espaço de abertura à fala plena e autêntica diferente de uma conversa comum, no qual a dor manifesta no corpo pode vir a se transformar em dor simbolizada.

Logo, a partir de um recorte, os participantes dessa pesquisa foram pessoas que estão iniciando os processos de entrada na universidade, da cidade de Araguaína do estado do Tocantins, e que em algum momento vivenciaram a automutilação no corpo no qual, voluntariamente, se dispuseram a participar dessa pesquisa.

Devido o atual cenário da saúde pública no Brasil e as medidas de segurança, a busca ativa foi realizada via *Whatsapp* e os encontros ficaram a escolha do participante: presencial ou *online*. Pontua-se ainda que tal pesquisa está respaldada pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, sob o número 39031219.8.0000.5519, enquanto um trabalho desenvolvido dentro do projeto guarda-chuva “Sofrimento Psíquico em jovens universitários”.

No entanto, foi construído primeiramente um referencial teórico e conceitual sobre o fenômeno da automutilação dentro do campo das formações do objeto *a*, a fim de localizar teoricamente o tema desse trabalho, e posteriormente seguir com a apresentação dos casos analisados a partir da ótica psicanalítica.

## 2 AUTOMUTILAÇÃO (*CUTTING*)

Há doenças piores que as doenças, há dores que não  
doem nem na alma, mas que são dolorosas mais que as  
outras.

Fernando Pessoa (1931-1935)

Hoje em dia há divergências referente às perspectivas de análises frente ao ato automutilador. Alguns pesquisadores consideram a automutilação como um recurso frente a um quadro de fragilidade narcísico-identitária (SILVA; CASTRO; FORTES, 2019).

Existem estudos que se inclinam a teorizar com base em um psicologismo que culpabiliza o sujeito por sua doença excluindo outros fatores relacionados ao adoecimento. Dito de outra maneira parafraseando Saint-Exupéry (1943/2001): tu te tornas eternamente responsável pela doença que cativas. Se não souber lidar com seu sofrimento, adoecerá (FERNANDES; et al., 2015).

Mas há outra linha de pensamento o qual pondera que a automutilação (*cutting*) se inscreve dentro do campo das formações do objeto *a*, assim como os fenômenos psicossomáticos. É esta perspectiva última que respalda o desenvolvimento da presente pesquisa.

Estudos alcançados em Lisboa, revelaram que 35% dos adolescentes relatavam comportamentos de automutilação, sendo que destes, 21.6% referiu ter este comportamento algumas ou muitas vezes. Verificou-se ainda que 42.8% dos adolescentes já desejou realmente morrer, mais da metade já teve ideias suicidas (SANTOS, et al., 2018).

No Brasil, atualmente não há muitos estudos epidemiológicos publicados sobre a prevalência da automutilação em amostra clínica ou populacional em faixas etárias (GARRETO, 2015). Mas, a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal (2017), fez uma pesquisa que constatou que no ano de 2002 – em específico – cerca de 10 a 15% de adolescentes se automutilaram pelo menos uma vez no ano, cujos métodos mais frequentes e utilizados estiveram entre corte na pele e raspagem com variação percentual dos métodos entre 70-90%.

Uma das causas apontadas para o indivíduo recorrer à automutilação – mas não exclusivamente – são os maus-tratos na infância, desde a vinculação insegura, separação, negligência emocional ou mesmo abuso sexual (BORGES, 2012).

Ao localizar a automutilação no âmbito do seu conceito – também conhecida como prática de *cutting* –, de acordo com alguns psicanalistas, refere-se à indicação de alguma falta primordial que não é simbolizada de outra forma a não ser apelando ao corpo. No caso do

*cutting*, fica evidente essa aproximação com a vivência de dor mais grave e sem muitos recursos (VILHENA, 2016).

Ainda mais, o ato contra si mesmo denuncia a rasura nos destinos dos investimentos psíquicos. A automutilação seria assim a descarga direta de uma tensão insuportável na ordem do corpo, na medida em que não se encontrou uma via possível para que a dor pudesse ser traduzida (FORTES; MACEDO, 2017).

Segundo Vilhena e Prado (2015), o *cutting* ajuda, ao menos momentaneamente, a reduzir o nível de tensão. Portanto, é pela dor física que a dor psíquica é liberada, na qual o delineamento da dor psíquica provocada por cortar a própria carne permite fazer ligação ao que se apresenta como excessivamente insuportável. A intenção não é de estética ou de pertencimento a um grupo social, como acontecia em tempos passados quando se marcava o corpo; mas sim, aliviar alguma dor interna ao “externalizá-la”

Partindo desses estudos, nota-se que o ser humano no decorrer da história construiu diversas alternativas para comunicação entre os pares. Escritos, símbolos, pinturas, esculturas, danças, gestos, foram meios pelos quais se desenvolveu a linguagem humana. A exemplo, cita-se as contribuições teóricas de Winnicott (1975) sobre a relação mãe-bebê ao sinalizar que é no contato do corpo da mãe com o bebê que registros são deixados e em alguns casos, são mantidos pelo resto da vida, como mensagens gravadas.

No entanto, ao localizar o ser humano no contexto da contemporaneidade, entende-se que o mesmo vive cercado pela alta competitividade e numa sociedade imediatista que impõe, com urgência, resoluções rápidas, práticas, sem tristeza nem dor. Nas palavras do filósofo Renato Janine Ribeiro: estar triste significa sinal de fraqueza (VILHENA; PRADO, 2015). Trata-se de um tempo que demanda tipos diferentes de comunicação.

Parece que o tempo é limitado para elaborar o que gera a dor e provoca no sujeito uma ruptura do eu que não se sabe ainda ao certo nomear. Em função disto, esse trabalho faz referência a Birman (2003) a qual escreve sobre a possibilidade de uma comunicação maior através dos atos do que através da linguagem verbal, acarretando as chamadas patologias da ação e do corpo. Uma nova linguagem comunicativa se instaura e se desenvolve nas esferas corporais: os cortes.

No tempo do imediato, o sujeito é estimulado pelo excesso e pela obrigatoriedade do sentir-se bem. Hoje, cuja imagem e a teatralidade são componentes regentes do contemporâneo, a subjetividade é dada pelo olhar do outro (LAENDER, 2012). Ao mesmo tempo o corpo para o sujeito se tornou também o *locus* das preocupações de ser constituído a



partir da ordem de uma imagem corporal ideal, quer em seus parâmetros de beleza, quer em sua fisiologia, segundo os modelos da saúde (FORTES; WINOGRAD; PERELSON, 2018).

Sendo assim, a automutilação como um fenômeno que envolve primordialmente o corpo, conduz esse trabalho a fazer algumas considerações sobre a concepção de corpo no cenário atual, bem como realizar articulações teóricas psicanalíticas com o fato de muitas das sintomatologias contemporâneas configurarem-se a partir da problemática do corpo.

## 2.1 Corpo em Psicanálise

O ponto aqui colocado implica refletir sobre um contexto constituído pelo número crescente de pessoas que fazem do corpo – e literalmente dele – não somente o seu sintoma, mas sua própria forma de ser, o qual, provavelmente, intensifica as dificuldades de expressão simbólica de pessoas marcadas por organizações narcísicas frágeis.

Pensando teoricamente, para a Psicanálise – não apenas a freudiana – o corpo, pela sua pulsionalidade, se constitui no cruzamento entre o psíquico e o somático, ou seja, no jogo complexo e multidimensional entre o orgânico, o representacional, e uma espécie de mistura que não é claramente distinguido entre os dois: o pulsional. O corpo, em sua processualidade, move o sujeito por uma pressão pulsional que, não só precisa ser descarregada, como também não pode ser revestida totalmente pela linguagem (FORTES; WINOGRAD; PERELSON, 2018).

Logo, a pulsão é concebida como algo fundamental que ancora o psiquismo no corpo; ou seja, o registro psíquico não seria apenas algo da ordem da idealidade, mas também movido pelas pulsões (LAZZARINI; VIANA, 2006). Sucédida do e no corpo, a pulsão retorna sobre ele, fazendo do mesmo, simultaneamente, origem e destino. O corpo é a um só tempo, a fonte da pulsão e o veículo que permite a descarga que dirige à experiência de satisfação (ANDRADE, 2003; BIRMAN, 2016; WINOGRAD; MENDES, 2009).

Tendo em vista tais considerações a respeito do corpo e a concepção de automutilação, é possível visionar a relação presente entre ambas. Para tanto, é importante resgatar “O livro da dor e do amor” de Nasio, a qual elabora uma linha de pensamento que, paralelamente, cogita a problemática da prática do *cutting* levantada durante esse trabalho.

Em uma parte do seu livro, Nasio (1997, p. 27-29) escreve sobre a dor de reagir, na qual destaca que a dor corporal não se direciona apenas a uma lesão e ao transtorno que a segue, mas do mesmo modo ao imensurável esforço do eu para defender-se contra esse

transtorno. Portanto, a dor física se torna a exibição do esforço de defesa, mais do que a simples manifestação de uma agressão aos tecidos.

Ainda segundo o autor, quando o Eu se encontra em estado de choque tentará desesperadamente curar-se sozinho. Logo, faz-se menção que ele sofrerá mais, pois agora não se trata apenas da dor oriunda de uma lesão, mas também ao imenso esforço do Eu para defender-se contra isso que o perturba. Ou seja, em resposta à agressão, o Eu envia para o ferimento toda a energia de que desfruta, para fechar a brecha e deter o fluxo denso de excitações. Essa auto-bandagem se aplica à representação psíquica da dor e não aos tecidos lesados dessa aflição.

Ora, o fato de que o contrainvestimento defensivo não se refere ao próprio ferimento, mas à representação do ferimento, revela a natureza incontestavelmente psíquica de toda dor corporal. Por quê? Porque a resposta a uma agressão física não é somente de ordem fisiológica, mas consiste também e principalmente em um deslocamento de energia no seio da rede das representações psíquicas constitutivas do eu. Primeiro, é preciso lembrar que o eu funciona como um espelho psíquico que reflete, em um mosaico de imagens, uma parte do nosso corpo ou um aspecto dos seres ou das coisas aos quais estamos afetiva e permanentemente ligados (NASIO, 1997, p. 86-87).

Para tanto, o autor postula que, quando se é privado da integridade do corpo ou do objeto de apego, produz-se um remanescente investimento afetivo da imagem do local agredido no corpo, quando de fato é a integridade física que está em jogo; ou um remanescente investimento afetivo da figura do objeto perdido, quando de fato é a presença do outro que está na jogada. Esse excesso reparatório se configura em dor.

Dessa forma, a dor é construída pela valorização em excesso da representação no sujeito da coisa à qual estava ligado e da qual está agora privado. É exatamente aqui que aparece a dor como resultado do empenho do Eu para se livrar da perturbação, concentrando-se empenhadamente sobre um símbolo. Logo, “sofremos porque nos perturbamos diante do perigo” (NASIO, 1997, p. 89), tendo em vista que é a única resposta possível que o sujeito encontra para não afundar diante da comoção.

É nessa linha de pensamento que esse trabalho caminha ao pensar o *cutting*, ou seja, o referido símbolo, hipertrofiado de afeto, se cristaliza como um corpo estranho e pesa sobre a trama do eu até rasgá-la. É essa rasgadura das fibras íntimas que provoca a dor (NASIO, 1997, p. 90), é como se no ato de rasgar o corpo se encontra a voz não falada do que sofre. Tudo isso nos remete ao sujeito se colocando no lugar de Objeto *a*.

Construído e pensado por Lacan, o objeto *a* é qualificado enquanto nosso objeto, designa nosso semelhante. Esse *a* é uma letra que tem a função central de nomear algo não

resolvido, ou melhor, de expressar uma não-resposta. É designado como o objeto perdido – que me prolonga, mas me escapa. É uma impossibilidade, é aquilo que é heterogêneo à rede do conjunto significante e por isso se refere a um buraco negro – sendo o fluxo do mais-gozar – na estrutura do inconsciente, ou um excesso que se acumula. (NASIO, 1993, p. 92-108).

Em síntese, Nasio (1993) ao ler os escritos de Lacan sobre o objeto *a*, descreve-o como o objeto que liga mãe e bebê; mas ele cai – é um objeto que se coloca em vários lugares. Nesse ato de cair, o objeto *a* vai para o lixo, no entanto, tem uma significação muito importante devido ao fato de ter sido um objeto ligante entre mamãe e bebê, mas que em si não é mais desejado mesmo que ele cause desejo.

O que acontece se o objeto *a* volta para o lugar que foi desprendido? Um sentimento de extrema estranheza é sentido e quando ele volta para a relação que se desprendeu, volta como angústia. Logo, quando está afastado, causa desejo, mas quando volta causa angústia. Dessa forma, o sujeito deseja para sentir falta e a angústia seria a falta da falta (NASIO, 1993, p. 108-113).

Segundo Nasio (1993), o objeto *a* é definido por três aspectos: corte (primeira extração, que sai de mim e que não tem como voltar mais), gozo (o objeto *a* representa a amostra deste gozo, o resíduo que fica) e desejo (desejo é desejo de desejo – eu desejo o desejo do outro, controlar o desejo do outro – quando eu coloco o outro no lugar do objeto *a* –, ou seja, quando o outro é causa do meu desejo).

Portanto, o objeto *a* é o objeto causa do desejo, mas se apresenta como algo descartável. As formações do objeto *a* seriam todos aqueles movimentos do psiquismo no qual o corpo se inscreve como objeto *a*, ou seja, o corpo se inscreve como resto, como algo descartável. A exemplo temos a psicossomática, onde o corpo é alvo do gozo, só que o movimento contrário a esse gozo empenha o corpo de alguma forma e o corpo se vê como algo a ser sacrificado para barrar o gozo (NASIO, 2012).

Psicossomática é um rompimento, uma lesão que o corpo foi destruído, e para que a sexualidade funcione é necessário que o objeto *a* esteja localizado fora do campo do sujeito. Dessa forma, há três formas de gozar: sintomas – palavras, símbolos e significantes –, fantasias – uso de partes do corpo – e as formações do objeto *a* – aproximação ao real (NASIO, 1993).

Uma afecção psicossomática vem mostrar uma falta, e por isso a psicossomática é esse grito do corpo, ou seja, um momento no qual o sujeito não encontra recursos outros e decide empenhar seu próprio corpo. É o momento em que a linguagem cessa e não há mais cadeia significante (NASIO, 1993, p. 73).

É nesses registros que a presente pesquisa localiza o *cutting* e sua relação com o corpo do (a) participante. Nesse sentido, os próximos capítulos que se seguem, buscam pensar determinadas questões atuais que perpassam o sujeito e assim, desenvolve uma tentativa de reflexão sobre algumas possibilidades frente a problemática da dor cristalizada no ser.

### 3 PENSANDO O SER NO SOMOS

O ser no mundo, enquanto ocupar-se, é tomado e  
obnubilado pelo mundo com que se ocupa  
Martin Heidegger (1927)

Já parou para pensar sobre o que somos? A pergunta não é no sentido “o que sou?”, mas sim “o que somos?”. É uma pergunta que provoca algumas interrogações sobre o sujeito para além do individual, no qual o conduz a algumas reflexões a respeito do nós, do eu no coletivo, do eu na sociedade, do eu e o outro. Heidegger (2001) ajuda a pensar sobre tal indagação. Segundo o autor, somos um ser-aí, um ser-no-mundo, um não-ser que pode-ser, um caminhante de um caminho não-linear, o qual é feito e refeito a cada suspiro.

Afirma ainda que nesse processo de ser-aí, somos implicados a responder àquilo que se apresenta diante de nós, no qual temos a liberdade de responder da forma como desejamos – mesmo que nossa escolha seja a recusa em responder, porque até o não responder já é uma resposta. (HEIDEGGER, 2001).

Partindo da ótica proposta pelo autor, é possível inferir que somos atravessados e constituídos por episódios que são históricos, sociais, culturais, éticos, políticos e econômicos; pois é destes aspectos que o mundo se reveste. Nesse caminho não-linear no mundo, há alguns que se veem, e veem os outros, como se fossem individuais, ou melhor, entidades que “não têm nada a ver com os outros”, isolados, suficientes em si mesmos.

Mas há também os que veem os outros e se consideram, a si próprios, como “pessoas-relação”, isto é, seres que em si mesmos implicam outros; seres que ao se definirem já incluem, necessariamente, as demais pessoas. E é a partir desta perspectiva que o presente trabalho prossegue na reflexão sobre *quem somos*.

Nas palavras de Guareschi (2007), somos únicos, singulares, como é único um pai, um irmão, e por isso são seres de responsabilidade; no entanto não se explicam e nem se definem apenas a partir deles e neles próprios. A subjetividade do sujeito é um porto de milhões de outros e de relações, no qual, dentre um universo de milhões de relações que se estabelece no decorrer da vida, recorta-se uma figura única e singular, mas plena de outros.

Dessa forma, compreende-se que somos um ser-aí que não pode ser ele mesmo, se não houver outro. Segundo Erick From (2000), o essencial na existência do ser humano é o fato de que ele se expressou do reino animal, da adaptação instintiva transcendeu a natureza — embora sem nunca a deixar, pois é parte dela. O humano é dotado de razão; é a vida consciente de si mesmo; tem consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e das possibilidades de futuro.

Por certo, o ser humano está imerso em um mundo composto por comunidades que são constituídas por indivíduos que se relacionam. Comunidade, aqui referida, abrange todos os moldes de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral e continuado no tempo. Ou seja, é a absorção do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e do desejo (SAWAÍÁ, 2007, apud NISBET, 1974, p. 48).

Dessa forma, tristeza, ansiedade, angústias, desespero, desesperança, insegurança, entre muitos outros, perpassam o viver humano e são, portanto, respostas do próprio ser humano ao que lhe é apresentado. Segundo Nasio (1997) em “O livro da dor e do amor”, sofrer designa uma perturbação global, psíquica e corporal, provocada por uma excitação geralmente violenta; ou seja, trata-se de uma emoção mal definida.

Quando o sujeito se percebe mergulhado numa dor inominável, a dor não é dor de perder, mas dor do caos das pulsões enlouquecidas; pois a dor psíquica ocorre sem agressão aos tecidos. O motivo que a desencadeia não se localiza na carne, mas no laço entre aquele que ama e seu objeto amado (NASIO, 1997); mesmo que posteriormente venha transparecer no corpo pela via da somatização ou o que se diz na pele sobre algo que desconheço, mas o desejo. É como diz a canção:

O que será que será  
Que dá dentro da gente e que não devia  
(..)  
O que não tem descanso, nem nunca terá...  
O que não tem limite  
(...)  
O que não tem vergonha, nem nunca terá  
O que não tem governo, nem nunca terá...  
(CHICO BUARQUE, 1976)

Em “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926-1929) e “Mal-estar na cultura” (1856-1939), Freud escreve sobre o sofrimento que ameaça o sujeito de três lados. Primeiro no próprio corpo, destinado à decadência e à dissolução; segundo no lado do mundo exterior que se utiliza de forças invencíveis e inevitáveis para perseguir e aniquilar o sujeito; e a terceira ameaça – que interessa ao presente texto – provém das nossas relações com os seres humanos. E Freud escreve mais ao afirmar que o sofrimento proveniente dessa fonte é talvez mais duro para a pessoa do que qualquer outro (NASIO, 1997, p.26-27).

Diante desta terceira ameaça ao sujeito, surge uma problemática: o que é apresentado na vida e nas relações que os participantes estabelecem em sua história, a ponto de os levarem a responder no âmbito do corpo?

Entre esses caminharas de respostas na esfera corpórea – passagens ao ato, transtornos alimentares, fibromialgia –, encontra-se a automutilação presente na vida do sujeito. Nesse sentido, o próximo tópico apresenta uma proposta de encontro com o outro a ser realizado no campo do instante de dizer, em que essa pesquisa ganha forma, a fim de criar um campo de saída para a dor cristalizada na pele.

### **3.1 O encontro com o outro mediante a arte de amar**

No decorrer desse trabalho, foi abordado alguns aspectos que perpassam o ser no mundo e em sociedade. Sobre isso, segundo Eliane Brum (2019), compreende-se que o Brasil, em sua história registrada e vivida por muitos, constrói ruínas em dimensões continentais desde que foi invadida pelos europeus no século XVI. A população encontra-se diante de mais alguns capítulos de ruínas, em que a única verdade que se enxerga são as ruínas, estas que geram impacto em todos os brasileiros.

A exemplo, cita-se alguns registros abordados no Seminário Internacional "Democracia em colapso?" na TV Boitempo, numa mesa de debates a qual a economista Laura Carvalho, o sociólogo Ricardo Antunes e o filósofo Vladimir Saflate estavam compondo, em 2019. Durante o debate foram levantados vários pontos sobre os capítulos que o Brasil vem escrevendo.

Na fala de Laura Carvalho, a partir de pesquisas sobre o cenário econômico no Brasil, a mesma registra que vivemos tempos em que os trabalhos são instáveis, intermitentes, desprovidos de direito e proteção social. A mesma ainda dá ênfase ao cenário brasileiro como um capítulo que é composto pela trama dos desmontes dos programas sociais, conflitos distributivos entre a população, perdas de empregos industriais e a crescente culpabilização ao sistema político e a corrupção como responsáveis pela causa da crise econômica, o acaba por levar aos cortes dos gastos públicos que atingem uma grande parcela da população. Em suas palavras: “frustração acumulada é o que resta para a população”.

Nesse mesmo Seminário Internacional, o filósofo Vladimir Saflate faz uma análise do cenário Brasileiro a qual quero aqui dar ênfase: o elemento fundamental para entender o funcionamento do Brasil é a perpetuação das relações desenvolvidas em torno da escravidão. O que estrutura o Brasil são aqueles definidos como *pessoas* e aqueles que são definidos como *coisas* (latifúndio escravagista). Ou seja, o que é coisa e morre não tem narrativa, não tem possibilidade da experiência de luto. É isso que muitos brasileiros vivenciam.

A exemplo disso, temos o caso do jovem negro sem antecedentes criminais, que por ter feito refém passageiros (nenhum ferido) de um ônibus com uma arma de brinquedo, morreu devido a uma parada cardiorrespiratória após ser atingido por balas disparadas por atiradores de elite que executaram a operação, na ponte Rio-Niterói em Rio de Janeiro, sem saber o que motivou a ação do rapaz (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Este trabalho não se refere apenas aos desmontes das políticas públicas, dos direitos humanos, das conquistas em saúde e educação pública de qualidade para todos; mas também – significativamente – ao desmanche das relações que nos constituem como seres humanos bem como ao buraco negro que resta diante da possibilidade de combate, quando a palavra, como mediadora, parece estar se extinguindo.

Tal fato pode acontecer entre duas pessoas, grupos ou até mesmo nações; pois quando não há a mediação da palavra, o que se tem é o ato ríspido e que pode ser nomeada como uma resposta do sujeito ao que lhe é apresentado.

Eliane Brum (2019) relata que vivemos uma realidade em que se ultrapassou a possibilidade das metáforas, no qual, com o rompimento dos laços, das relações – como por exemplo a divisão das famílias provocada pela polarização política –; tornou as pessoas ainda mais sujeitas ao adoecimento mental e com menos ferramentas para lidar com ele.

De fato, está cada vez mais difícil se utilizar da metáfora para elaborar todas essas ruínas que nos perpassam como brasileiros, pois além das dores, angústias, dúvidas, desespero, etc.; a pessoa traz consigo a singularização dos seus ancestrais, da comunidade a qual pertence e vive. Logo, quando adoecemos mental e fisicamente – porque o corpo é um só – denunciemos uma crise que não é só interna, mas também social.

Traz-se aqui uma concepção – e não se refere a uma verdade única e absoluta – de que, responder a partir da automutilação não é só uma resposta do mundo interno do sujeito, mas também uma denúncia à crise da realidade externa do próprio ser. Dessa forma, o que fazer diante de tantas ruínas que nos adoecem a ponto de paralisarmos ou perdemos o sentido da existência humana?

Nas palavras do psicanalista Jurandir Freire Costa (2007), a linguagem não é a tutora do sentido, mas sim sua aparência mais comum e racionalmente perceptível. No entanto, além e aquém da linguagem, o corpo, os afetos e as pulsões criam sentidos que a razão linguística desconhece. O real antecede o racional, o ato, sua compreensão e o fato, sua descrição. Portanto, há diferentes formas de responder ao que se é apresentado.

Numa mesa de debate intitulado “Família, Religião e Política” do Seminário Internacional “Democracia em colapso?” na TV Boitempo, o teólogo Henrique Vieira faz uma



análise que descreve o “somos” como pessoas shopping e não praça. Ou seja, não há convivência, estar e fazer junto, pois a nossa suportabilidade depende de entretenimento com luzes e produtos; a praça com a conversa está precarizada. Segundo o mesmo, “é preciso mobilizar afetos, história, pele” para que haja mudança; quem sabe.

Diante desse cenário, Eliane Brum (2019) traz uma contribuição significativa sobre o que se pode fazer frente a possibilidade da ausência de sentido na vida. A autora afirma que precisamos recuperar a palavra como mediadora em todos os cantos onde houver gente, no qual deve ser feito de forma coletiva, conjugando o nós, (re)amarrando os laços para fazer comunidade; ou seja, lutar pelo comum ao criar o comum – em comum. No mais, podemos acrescentar algo de natureza complementar a essa proposta: trata-se do amor.

Compreende-se que o ser humano quando nasce é jogado a uma situação indefinida, incerta e aberta, tendo, portanto, apenas a certeza com relação ao passado e apenas a morte com relação ao futuro. Dessa forma, diante a tentativa de fazer desaparecer o desamparo, a angústia ou dor sentida, o ser humano busca se unir a algo.

Nasio (1997, p. 17-18) escreve que a dor só existe sobre um fundo de amor, porque o sujeito sofre pela perda do ser amado ou do seu amor. E continua: afirma que um remédio aparentemente muito simples para o sofrimento é o amor ao próximo, pois para preservar-se da infelicidade alguns recomendam uma concepção de vida que toma como centro o amor, e na qual se pensa que toda alegria vem de amar e ser amado.

De fato, referenciando Freud, Nasio (1997, p. 27) confirma que “uma atitude psíquica como essa é muito familiar a todos nós”. Logo, é muito natural escolher amar para evitar o conflito com o outro. Todavia, trata-se de um caminho de mão dupla, pois há um paradoxo incontornável no amor: mesmo sendo uma condição constitutiva do ser humano, o amor é sempre o ponto de partida insuperável dos nossos sofrimentos. Logo, “quanto mais se ama, mais se sofre” (Nasio, 1997, p. 27).

Montaigne (1580, apud Nasio, 1997, p. 38) escreveu uma vez que “Se insistem para que eu diga por que eu o amava, sinto que isso só pode exprimir-se respondendo: porque era ele; porque era eu.”. Ou seja, esse ser que é amado se refere a “um ser misto, composto ao mesmo tempo por essa pessoa viva e definida que se encontra diante de mim e pelo seu duplo interno em mim” (p. 39). Assim, Nasio (1997, p. 38) afirma que “o amor permanece sendo um mistério impenetrável, que não se deve explicar, mas apenas constatar”.

No entanto, Nasio (1997, p. 30) ao mesmo tempo afirma que “entre a cegueira do amor e a clareza do saber, escolho a opacidade do amor que acalma a minha dor”; e Marie-

José Del Volgo (1998, p. 192) complementa: “toda necessidade é autenticamente uma necessidade de amor”.

Freud afirma que em última análise precisamos amar para não adoecer e o psicanalista Erich Fromm (2000) nos ajuda a pensar um pouco mais sobre esse amar. O autor se refere ao amor como uma resposta madura ao problema da existência, no sentido de unir-se a algo sob a condição de preservar sua integridade, sua individualidade. Em suas palavras:

O amor é um poder ativo no ser humano, um poder que atravessa as paredes que separam a pessoa de outras pessoas e que une com os outros; o amor permite superar a sensação de isolamento e de separação permitindo ser você mesmo sem perder sua integridade. O amor é uma ação, a prática de um poder humano que só pode ser praticada em liberdade e nunca como resultado de uma compulsão. O amor é uma atividade e não um afeto passivo, ou seja, amar é dar e não receber (FROMM, 2000, p. 24).

O autor enfatiza que amar é uma atividade de “dação”. O que seria, portanto, esse dar? Se refere a dar de si mesmo, o bem mais precioso que tem: dá sua vida. Isso não significa necessariamente que sacrifique sua vida pelo outro, mas sim no sentido de dar aquilo que está vivo em você: dar sua alegria, seu interesse, sua compreensão, seu conhecimento, seu humor, sua tristeza, sua empatia; enfim, todas as expressões e manifestações do que é vivo em você (FROMM, 2000).

Dessa forma, ainda segundo o autor, nesse processo de dar, enriquece o outro, eleva o sentimento de vitalidade do outro e eleva também o seu próprio sentimento de vitalidade. Não é dar para receber, mas sim trazer à vida algo no outro, e ao dar de verdade, se recebe de volta o que deu, pois nesse ato alguma coisa nasce e os indivíduos envolvidos ficam gratos pela vida que nasceu para eles.

Dessa forma, nas palavras de Fromm (2000, p. 24): “se amo o outro, sinto-me unido a ele, mas como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso; pois o amor é filho da liberdade, nunca da dominação”.

Como poesias vivas e andantes escrevemos versos durante o viver. Alguns versos são marcados de silêncio, outros de paixão, outros apenas de rasuras na pele, espaços brancos ou faltas. Na cena do filme “A Sociedade dos Poetas Mortos” dirigido por Peter Weir e que em 1990 ganhou o prêmio de melhor roteiro original, um ator fala sobre o lado belo da vida:

Nós não lemos e escrevemos poesias porque achamos bonito, nós lemos e escrevemos poesias porque pertencemos a raça humana, e a raça humana está cheia de paixão. Medicina, Direito, Engenharia são ambições nobres e necessárias para manter a vida. Mas poesia, beleza, romance, amor é para isso que ficamos vivos. (SCHULMAN, 1990).

Assim, a poderosa peça da vida continua, e podemos escrever versos como ser-no-mundo, (re)amarrando os laços para fazer comunidade pela via do amor. Parece até utópico, mas acreditar e fazer algo por meio do amor, pode nos “salvar” da impotência, do desalento ou até mesmo da indiferença.

Enquanto essa pesquisa vai caminhando como uma proposta de conclusão de curso – nesse caminho-não-linear no “instante de dizer” –, ela também oferece uma escuta viva que acolhe a dor inassimilável do (a) participante e tenta transformá-la em dor simbolizada, fazendo nascer do que está ali, feita de carne ou de pedra no sujeito, quanto lugar de vazio, algo novo que só será alguma coisa na medida em que lhe é dada significação naquilo que ainda não se sabe, mas que se refere a sua própria largueza.

Se o (a) participante da pesquisa se encontrar transformado nessa dor, então a proposta é entrar metaforicamente como alguém que diante do tropeço do outro, o segura, evita que caia e, sem perder o passo, leva-o a reencontrar o ritmo inicial. É como escreve Nasio (1997, p. 17), “dar sentido a uma dor insondável é finalmente construir para ela um lugar no seio da transferência, onde ela poderá ser clamada, pranteada e gasta com lágrimas e palavras”. Assim, prossegue-se trabalho.

## **4 ANÁLISES E DISCUSSÕES A PARTIR DO INSTANTE DE DIZER**

Com base nos pressupostos teóricos levantados até aqui, e a partir das entrevistas realizadas com o método “instante de dizer” para esse trabalho – porquanto privilegia o encontro e a história narrada nele –, segue-se a análise realizada de dois casos de automutilação, na cidade de Araguaína – TO.

Um participante ainda se encontra em tratamento enquanto que o outro não o faz, sendo que ambos saíram do Ensino Médio recentemente e estão no processo de ingressar na universidade. Dessa forma, para fins de sigilo, os casos serão apresentados com nomes fictícios: William e Aurora.

### **4.1 A lembrança na pele e a angústia de William**

William é um jovem de 18 anos e se vê hoje numa busca por algo na vida. William carrega uma história contada nos registros da sua pele, e ainda hoje procura as palavras, a linguagem e a sonoridade daquilo que foi vivido, mas traduzido nas rasgaduras do corpo. Apesar da dificuldade de pôr em palavras a sua vivência com a automutilação, William ao saber dessa pesquisa se manifestou interessado e disponível para poder falar e ser ouvido. Em um encontro, ele pôs no dizer a marca que sinaliza.

O encontro com William foi atravessado pelo desencontro, já que tivemos de adiá-lo duas vezes. Quando conseguimos nos encontrar na data e no local marcado, deparamo-nos com o tempo se fechando dando a entender que poderíamos sair dali molhados. Mesmo assim, William me convida a sentar na grama do parque público, no entardecer do dia, e nesse ato introduz seu dizer.

Tudo começou em 2016, com a morte do seu tio. Devido ao ocorrido, teve que se mudar para Goiânia para morar com seu pai biológico, que para ele era um estranho, pois nunca tiveram alguma proximidade afetiva. Ao se mudar de cidade, afastou-se do seu irmão, mãe e familiares, cujo vínculo era muito valorizado.

Nesse mesmo intervalo de tempo William já estava passando por um conflito interno de auto aceitação da sua sexualidade, enfrentado diariamente a homofobia na escola. Com medo do que as pessoas poderiam fazer com ele, preferiu não criar laços ou contatos dentro da cidade, escolhendo ficar em seu quarto do que em qualquer outro espaço.

Neste quadro de episódios, William se viu no início de uma depressão cujas atitudes se resumiam em automutilar-se primeiro nos braços, pernas e depois no corpo inteiro, descrito por ele como ‘um vício, um alívio, um refúgio’.

Conta ainda que não consegue se lembrar, ou trazer a memória em palavras, o que aconteceu durante as semanas em que recebeu a notícia da morte do seu tio – considerado como seu verdadeiro pai –, pois só consegue recordar que naqueles dias sentia um vazio em si, no qual seu corpo passou a ser algo externo a si mesmo, como se fosse uma outra carne qualquer, e por isso o cortava.

Nota-se que ao historicizar seu sofrimento, William faz ressoar algum sentido e função intersubjetiva que o ato automutilador em seu próprio corpo toma nesse diálogo: algo qualquer passível de ser dilacerado e descartado. Ou seja, a automutilação dentro do campo das formações do objeto *a*.

Ao tentar se curar da dor proveniente da perda de seu tio/pai, o referido símbolo perdido, agora hipertrofiado de afeto, acaba por se cristalizar como um corpo estranho e pesa sobre a trama do eu a ponto de cortá-la, sendo essa rasgadura das fibras íntimas o que provoca a dor. (NASIO, 1997). É como se, no ato de rasgar essa “outra carne qualquer”, encontra-se ali o sujeito no lugar de objeto *a*: descartável.

Esse objeto vem com a função central de nomear o problema não resolvido; ou melhor, como um resíduo da operação de simbolização que é irreduzível ao significante e por isso cai como objeto perdido. No lugar desse fracasso, da não-resposta; surge então a função do objeto *a* (MACHADO, 2009).

Em psicanálise a ideia sobre o trabalho normal do luto envolve a redistribuição da libido investida no objeto de amor perdido, em um trajeto de elaboração, simbolização e redirecionamento que leva tempo e pesar. Logo, trata-se de um processo complexo tendo em vista a necessidade de elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas, com a perda do objeto amado, em busca de um novo equilíbrio de forças (CAMPOS, 2013).

Por isso, quando William se põe a falar da sua perda em 2016 – destacando que faziam apenas 4 meses que ocorreu a morte –, a noção de tempo naquele momento muda no plano subjetivo devido ao percurso da elaboração simbólica e afetiva: de 4 anos para 4 meses.

Isso não significa que os cortes em sua pele se resumem, em causa e efeito, a um luto patológico. Quando fala, William diz sobre o processo difícil e conturbado de reconhecer e aceitar sua orientação sexual (o Eu na trama sexual), pondo em jogo seu próprio corpo; ou melhor, a libido se tornou ela mesma corporificada nele, no corpo condicionado e sem defesa.

Nesse diálogo, William enfatiza o fato de não lembrar de sentir dor no corte (*cutting*) e, portanto, descreve que a sensação proveniente desse ato era o nada banhado em sangue, descrevendo a si próprio nessa situação como se fosse de madeira. Aqui, William buscou mostrar suas cicatrizes, como se elas falassem mais que as palavras: ‘as palavras são difíceis, é uma coisa que a gente só sente’.

Observa-se que na dinâmica do encontro, não ocorreu nada além de uma troca de palavras. Todavia, o inconsciente em si recebe o estatuto de palavra/linguagem, e é concebido como um sistema falho de tradução de traços, semelhante aos procedimentos inerentes da escrita pictografia, hieróglifo e palimpsesto. Ou seja, em psicanálise o inconsciente fala mais de um dialeto (MACHADO, 2009), sendo que essa estrutura dialética provoca os mais variados efeitos sobre o sujeito, como os sintomas, por exemplo.

Não é difícil de se constatar que há sempre palavras demais na língua e elas nunca são suficientes para se dizer o que se deseja (BRUM, 2014). Esse é o fato verificado na associação livre: mostra que o sujeito fala e é falado pela língua ao verbalizar mais do que quer e por vez outra coisa. O sentido em si está sempre mais além, sendo o inconsciente essa estrutura de linguagem salteado de mal-entendidos que se depositaram e se inscrevem no ser, marcando-o de modo singular (MACHADO, 2009, p. 86).

Dessa forma, em William nota-se que houve um exceder do campo das palavras ao entrar no real do corpo, as marcas do inconsciente. Lacan (1998, p. 13-14) afirma tratar-se de uma escrita ilegível, como um hieróglifo no deserto: “Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que se oferece como um enigma”; ou mesmo como um palimpsesto, onde se raspa o escrito para (re)escrever.

As rasgaduras na pele seriam um tipo de holófrase, numa inscrição que produz um efeito no real do corpo, repercutindo na lesão, mas cujo sentido vezes é mudo outras vezes confuso. Seria uma petrificação do ser diante do fenômeno corporal fazendo com que não tenha um deslizar da cadeia significante (FERNANDES; et. al., 2015). É quando se escuta o “ser” associado a uma “madeira” na história narrada – proveniente do encontro no instante de dizer – que William nos leva a percorrer em sua dor esculpida.

Associar o ato de se mutilar como a um vício cuja pessoa entra e não consegue sair, é o mesmo que entrar no âmbito do gozo. Ou seja, enquanto a dor está associada a uma impressão desagradável e penosa, o gozo está associado ao desfrutar e ao deliciar-se. Quando não há representação no psiquismo a dor é gravada, porém não representada. Sendo o corpo humano habitado pela linguagem, no gozar, a relação de um significante com outro

significante fica comprometida, e conseqüentemente, a cadeia simbólica e da linguagem como comunicação também (QUEIROZ, 2012).

Mas vejamos, paradoxalmente assim como não existe gozo sem corpo, o gozo não está fora da linguagem enquanto estrutura. Ele é a própria estrutura, mesmo que seja a estrutura real. A automutilação é pensada, no caso de William, como a expressão do gozo: mas do gozo do Outro. A marca sinaliza um grito de socorro a este Outro, ou seja, está endereçado ao Outro de um discurso e que é também atravessado pelo discurso social que seja. Em “O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro” (1968-1969), Lacan vai escrever sobre esse gozo enquanto inserido na estrutura do real.

É por isso que a palavra ‘vício’ presente na fala de William nos faz pensar que seus cortes no corpo vêm do gozo, pois uma marca de gozo só pode levar o participante a repetição desse traço. Ouvi-lo era como contemplar um quadro abstrato emoldurado por histórias passadas do que foi vivido, em traços e rabiscos. Ainda assim, era possível ver ali um sujeito que demandava, mas também desejava: preencher o vazio, a falta.

Esse vazio que William buscava preencher ao se mutilar nos faz lembrar de Pierre Rey (1990, p.19) quando escreve: “por horror de enfrentar o vazio, fabricava-me vacuidade. Por temor inconsciente de minha própria liquidação, anulava por meio de um ‘fazer’ o espaço que se reduz a cada instante para nos aproximar da morte”.

Perder o contato com pessoas amadas e não se sentir aceito pela sociedade e familiares devido sua orientação sexual, bem como a sensação de estar em um espaço totalmente estranho e assim se sentir desinvestido externo e internamente; pode ter provocado em William essa busca por algo que o levasse àquilo que se assemelha a se sentir vivo, ou mesmo preencher o inominável. Não significa que isso se aplica a todos os casos, uma vez que o campo da subjetividade é constituído por singularidade.

Quando o silêncio chega diante do esgotar das palavras, naquele instante me vem à mente Nasio (1997) quando escreve que é nessa demanda do sujeito por se sentir preenchido pelo outro que intervém o ser do nosso amor, pois faz exatamente o papel de objeto de satisfação e insatisfação do meu desejo, e por isso mesmo, de pólo organizador desse desejo. Então a pergunta vem: como foi parar de mutilar-se?

William conta que seus avós (que praticamente o criaram), suas primas e até mesmo seu pai biológico começaram a estabelecer contato mais próximo com ele e se dispuseram a estar com ele pois receavam perdê-lo. Foi no processo desses (con)tatos que ele tomou a decisão de parar com a automutilação e assim passou a tecer novos laços afetivos com os pares. Nesse instante ouve-se o que William demandava: amor.

A discussão referente a essa demanda afetiva foi retomada por Lacan (1960-1961/2010) em um seminário sobre a Transferência. Segundo Lacan (1960/2010, p. 71), o amor é concebido a partir da noção de falta e o que está em jogo no amor é uma falta que poderá ser suprida no encontro com o outro eleito e amado, tendo em vista não tratar-se de uma completude. É sua falta que o sujeito pode oferecer ao outro amado; ou seja, se algo se pede é porque algo falta. Para o autor, o que se procura encontrar no ser amado não é um outro indivíduo, mas sim o objeto amado.

No entanto, enquanto o amante não sabe decifrar em palavras o que lhe falta, o ser amado não consegue nomear o que existe em si próprio – pois ele próprio também é faltante –, uma vez que fora identificado pelo amante como a resposta à falta (SILVA, 2015); uma situação paradoxal presente no amor.

Logo, o sujeito irá sempre demandar algo enquanto ser-no-mundo. É aqui que entra o amor, segundo Lacan (1960/2010), enquanto uma metáfora, uma substituição para designar algo por meio de outro, uma substituição de significante, uma supressão à falta. Mas nessa metáfora há uma mudança de posição cujo sujeito ama para ser amado a fim de atrair para si o desejo do Outro. Portanto, o sujeito ama como artifício para se sentir amado, numa busca por recuperação narcísica (SILVA, 2015).

É por isso que o amor também conecta – paradoxalmente –, pois na busca por preencher essa falta – como uma recuperação narcísica –, o sujeito se une ao outro e assim permite – enquanto ama e é amado – superar a sensação de isolamento e de separação (FROMM, 2000) mediante o vínculo.

Foi o caso de William. Uma vez perdido o objeto amado, suas marcas no corpo sinalizavam de algum modo o enigma da sua falta, cuja substituição – de um objeto ou qualidade que designa algo por meio de outro – se deu quando suas primas, e posteriormente seus avós, começaram a comunicar afetos mediante a (re)conexão proveniente do relacionamento entre pares.

Embora sua dificuldade com as palavras, William finaliza o encontro afirmando que ao olhar para toda sua história, hoje se vê como sortudo por ter encontrado no seio familiar o apoio. Naquele instante de dizer William encontra espaço onde pôde produzir reelaboração e reconstrução fora e dentro do tempo, uma vez que o inconsciente é atemporal.

Por fim, nos levantamos, nos despedimos e, concomitantemente, o temporal de chuva que estava por vir se dissipa e o brilho do sol emerge acompanhando cada um em seu novo-velho caminho.



## 4.2 A Aurora da culpa no ser

Aurora é uma jovem de 19 anos que atualmente faz cursinho e se vê numa caminhada de longo tempo no processo de tratamento psicológico e psiquiátrico devido sua história com a automutilação. Ao ouvir falar dessa pesquisa, Aurora se manifestou interessada em participar, se dispondo a qualquer final de semana. Quando perguntei onde ela queria me encontrar disse rapidamente ‘no parque cimba’. No entanto, enfrentamos desencontros, pois no dia em que iríamos nos encontrar choveu muito, e por isso ela solicitou que marcássemos para outra semana. Foi quando aconteceu.

Era sábado. Sentamos em um banco de cimento debaixo de uma árvore e uma pergunta foi lançada: ‘por onde quer começar?’. Aurora conta que tudo começou em 2018 quando ainda no ensino médio sua amiga muito próxima e amada se suicidou. Foi um choque para a escola que frequentava, mas para Aurora foi um *start* para automutilação e a busca por experimentar a morte.

Quem era essa amiga na vida da Aurora? Ou melhor, o que essa amiga representava em sua subjetividade? O que sabemos enquanto fruto do diálogo desse encontro é: ambas tinham uma ligação única, ao ponto de passarem mais tempo juntas do que separadas, na escola e depois da escola, antes de irem cada uma para suas casas.

Apesar de já ter pensado várias vezes – enquanto sua amiga ainda estava com ela – em se mutilar ou mesmo em suicídio, Aurora fala que nunca havia posto esses pensamentos em prática. Todavia, quando chega a informação, em um dia de sábado, que essa sua amiga havia se suicidado, relata nesse momento ter criado coragem para enfim rasgar seu corpo em meio a profunda raiva. Primeiro começa os cortes nas pernas para que ninguém saiba, no entanto, quando não encontra espaço em suas pernas, passa para os braços em um ritmo vicioso a ponto de não conseguir mais esconder.

Aurora começa a descrever que, apesar de sentir muita dor e saber que aquelas marcas ficariam no corpo por toda sua vida, não se tratava de encontrar um refúgio, mas sim autopunição frente a raiva, frustração, estresse, vergonha, não conquista, erro, não bom-desempenho, improdutiva, perda, e até mesmo frente ao *bulling* na escola em relação a sua aparência e traços negros. Havia muita coisa acontecendo dentro de si e a palavra que ela traz diante desse amontoado de sentimentos que carregava é: **culpa**.

Em psicanálise, culpa aparece regularmente relacionado à moral e à ética, tal como à ocorrência do supereu e ao desenvolvimento/sobrevivência da sociedade. Logo, a culpa é vista como um sentimento universal que sustenta a vida social, bem como se relaciona no

sujeito à causação das neuroses, uma vez que o supereu ‘espia’ o eu e está à disposição para condená-lo, aguçando assim tal sentimento. (GELLIS; HAMUD, 2011).

Tomado o problema do sentimento de culpa como a questão do entrelaçamento da sensação de pesar a uma ação julgada inadequada por quem executou – como uma vivência interior –; Freud (1923/1969) é levado a destacar que a culpa se expressa no ser como uma necessidade de punição. Trata-se de um sentimento tecido nas configurações familiares, mas também na cultura e vida em comunidade (OLIVEIRA; CASTRO, 2009).

Quando Aurora comenta sobre sua experiência com a automutilação, comparando-a como “a um filho que faz alguma coisa de errado e aí vem o pai e o põe de castigo”, nota-se aqui a relação do supereu com o ideal do eu como uma instância autocrítica que pode julgar/oprimir o eu. Sobre isso Freud (1923/1969) pontua que “a tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do eu é experimentada como sentimento inconsciente de culpa” (p. 49).

Scotti (2003) vai escrever que “a culpa reside numa demanda de morte que mata o desejo”. Mas pode-se dizer também que essa culpa individual está íntima e diretamente relacionada ao coletivo e que decorre do histórico e da condição de dependência primária do ser na vivência grupal (GELLIS; HAMUD, 2011, p. 643).

Mas, no desamparo e na dependência do sujeito em relação ao outro, busca-se também o motivo da culpa. Ou seja, se se perde o amor de outra pessoa da qual o sujeito depende, deixa-se de ter a proteção de uma série de perigos. De certo modo, o sentimento de culpa domina toda a vida instintiva: constitui uma expressão típica da relação existente entre a agressividade que caracteriza o superego, em função da dependência do instinto de morte, e a necessidade de castigo que manifesta o ego submetendo-se (NICK, 1963).

É por isso que Aurora conta das várias vezes que se mutilou por ter tirado nota baixa, repetido de ano, não ter um padrão de beleza socialmente considerado belo, ter fugido da sala de aula; mas também, por não conseguir viver. Ela diz que se punia a ponto de desejar a morte. Nota-se então, um excesso que se acumulou.

Ouvir Aurora nos leva a associar os atos de rasgar a pele como a uma tentativa outra de esvaziar esse excesso em e de si mesma. Trata-se do único modo, naquele momento, que havia encontrado para registrar ou denunciar sua dor em forma de culpa. É como se ao automutilar, Aurora estivesse livrando-se de uma culpa ou erro, pagando por ele, sofrendo e padecendo por ele: expiando.

Observa-se também que esvaziar o excesso – mediante o corte (*cutting*) – para Aurora foi permeado por dor física e psíquica, uma vez que enquanto falava, externa tratar-se de uma

dor desnecessária – por que a dor psíquica não sumia depois da automutilação – e necessário ao mesmo tempo – porque sentia um alívio momentâneo na dor física oriunda do corte.

Em psicanálise, a ideia de luto não se restringe à morte, mas também ao enfrentamento das consecutivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, as perdas podem ser permeadas pela dimensão física e psíquica como elos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

No caso da Aurora, suas perdas foram para além de um ser amado, pois envolvia também sua autoestima (atravessada por racismo e discursos contemporâneo sobre estética e beleza), aprovação escolar (não conseguia alcançar as notas exigidas nas matérias), conquistas pessoais (não terminou o ensino médio no tempo que desejava devido sua repetição de ano) e a relação com seus pais (não conviveu com seu pai e nutria uma relação conflituosa com a mãe).

Logo, ao trazer no encontro que ao se machucar chegou a sentir aquilo como um vício, nos leva às palavras de Lacan (1973/1990, p.158) quando escreve que “se goza daquilo que se sofre [...] Digamos que, por essa espécie de satisfação, eles se fazem sofrer demais”. Ou seja, havia dor e sofrimento envolvidos no gozo de cortar-se de Aurora, mas também, de algum modo, satisfação.

Enquanto a escuto, Aurora passa a dizer que costumava ir com frequência naquele parque, onde estávamos, com sua amiga falecida, pois era ali onde ambas se encontravam para passar o dia. Perguntas me veem a mente: Será que foi por isso que ela escolheu me encontrar aqui nesse lugar que traz à memória sua amiga? Será que naquele momento havia, no campo da transferência, uma busca pelo objeto de amor perdido? Será que ela escolheu o sábado para nos encontrar porque remetia ao dia da semana em que sua amiga morreu? Quem sabe.

Naquele instante ela me olha e continua o seu dizer apontando que hoje vive uma superação de cada dia, na qual, mesmo ainda fazendo tratamento psicológico e dependendo de remédios psiquiátricos, vive nos altos e baixos da vida encontrando na comunidade cristã – que se fundamenta na figura histórica da pessoa de Jesus Cristo – um elo com o viver, com pessoas e consigo mesma, deixando o mutilar-se no passado e nas cicatrizes expostas.

Aurora por um tempo tentou caminhar a jornada da vida na solidão da automutilação. Mas quando recebe apoio de pessoas próximas numa comunidade cristã e sua mãe começa a lhe dar mais atenção, ao tomar conhecimento do que estava acontecendo; seu objeto de amor,

uma vez perdido, é redirecionado ao se unir a algo sob a condição de preservar sua integridade. Mais uma vez o amor aparece.

Kay Redfield Jamison (1996) uma vez escreveu: “Se o amor não é “cura”, ele sem dúvida pode atuar como um “remédio” muito eficaz. Como John Donne escreveu, ele não é tão puro e abstrato quanto se poderia ter imaginado e desejado um dia, mas ele perdura, sim, e cresce” (p.). Sabemos que o amor não é o único ou nem sempre promove a elaboração necessária ao ser. Existem formas outras à cada ser-no-mundo de ressignificar sua dor ou sofrimento, mediante os recursos disponíveis. No entanto, não podemos desqualificar ou ignorar os efeitos do amor na vida do ser que ama e é amado.

O caso da Aurora é um, entre muitos outros, cujas implicações do amor estiveram presentes no processo da elaboração de alternativas como resposta à sua dor e sofrimento. Nesse sentido, os escritos lacanianos do campo da linguagem afirmam: “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 89).

Vejamos, o amor se fez presente na história da Aurora talvez não na materialidade da palavra, mas na diversidade semântica que constitui o amor enquanto significante transpassado por libido e vinculado aos registros do real, simbólico e imaginário da participante.

Ou seja, sustentamos que há presente na linguagem um caráter polissêmico. Dessa forma, as diferentes unidades de sentido do fenômeno amoroso reforçam seu caráter de discurso e de estrutura de linguagem: o amor em suas relações (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013, p. 180).

Fala-se de amor aqui não enquanto Eros – presença universal de um poder de ligação entre os sujeitos – mas de amor-paixão, tal como é concretamente vivido pelo sujeito como espécie de catástrofe psicológica (LACAN, 1953/1954, p. 133). Enfatizamos não o amor romântico, mas o caráter fundante da incompletude humana em seu desamparo radical, presente do início ao fim na vida humana (RAVANELLO; MARTINEZ, 2013).

Nas palavras de Quinet (2011, p. 31): “O amor é a afirmação de ser e da vida. Nas situações mais extremas de ameaça ao ser, ou seja, de risco absoluto de deixar de ser, de existir, de *not to be*, o que se tem? A declaração do amor”. Logo, diante da ameaça ao ser de deixar de ser, Aurora recebe da família e pares manifestações do amor em formas de cuidado e conexões; ou seja, aquilo que está vivo neles: a alegria, o interesse, a compreensão; enfim, todas as expressões e declarações do que é vivo (FROMM, 2000).

Chegado ao fim do encontro, nos levantamos e caminhamos um pouco enquanto ela conta da sua felicidade naquele momento. Nos despedimos na entrada do parque com aquela

sensação de que cada dia superamos algo ao prosseguir cada um no seu ritmo pessoal em meio ao aglomerado de sinfonias que a vida em sociedade produz.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o que foi exposto, entendemos que em sociedade coabitam seres de diversas histórias e culturas, na qual encontram-se constituídos em singulares que só poderiam acontecer a partir das relações, fruto do coletivo. São seres caminhantes de um caminho não-linear, o qual é feito e refeito a cada suspiro. Nesse sentido, por meio de um recorte, a presente pesquisa foi pensada e desenvolvida a partir do método instantâneo de dizer que escuta, no encontro com o outro, o singular do (a) participante, e nesse caso, atravessado pelo fenômeno da automutilação.

Esta pesquisa esteve longe de apresentar dados universais ou restritos sobre a relação do ser humano com o *cutting*. Todavia, esse estudo abriu um campo de escuta a qual nos permitiu observar que a relação dos participantes com a automutilação pode ser caracterizada como uma resposta do ser-no-mundo ao problema, denunciando, assim, uma crise interna e externa frente a tantas ruínas da vida que adoecem a ponto de paralisar ou fazer perder o sentido da existência humana – uma vez que a origem e sentido da autolesão é atravessado pela singularidade constituída no ser.

Nesse sentido, entendemos que há formas diversas de saídas diante a dor e sofrimento originados na dinâmica do viver. Entre essas saídas encontram-se a via do simbólico enquanto palavras – uma vez que há potência nelas como forma de lidar melhor com a relação objetificada do sujeito com suas questões – e o amor, defendido nesse trabalho como uma resposta madura ao problema da existência, caracterizado como fundante da incompletude humana, presente do início ao fim.

Foi possível observar que quando se trata do amor, o que está em jogo é a suposição de um ser no outro. Ludibriado pelo significante, o sujeito procura com o amor fazer signo, suspendendo, mesmo que provisoriamente, o deslizamento infinito do desejo. O amor estaria então ligado à sublimação (LEITE, 2005) frente – nesse caso específico – à automutilação presente na história dos participantes analisados aqui. Dessa forma, entendemos o amor, a partir desse estudo, como algo multifacetado e polissêmico, mas que ressoa no “eu” e no “nós”.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cláudia Braga de. A natureza do corpo: origem ou destino?. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 22, p. 97-112, 2003.

BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 130p.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. **Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial**, Rio de Janeiro, 2003, p. 1-7. Disponível em: <[http://machadodeassis.net/download/rev\\_artigo01.pdf](http://machadodeassis.net/download/rev_artigo01.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2020.

BOITEMPO, Tv. **Mesa de debates: Trabalho e os limites da democracia no Brasil**. Laura Carvalho, Ricardo Antunes, Vladimir Safatle. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D8HaJXn6Zbs>> e Acesso em 20 mai. 2020.

BOITEMPO, Tv. **Mesa de debates: Família, religião e política**. Amanda Palha, Flávia Biroli, Henrique Vieira. 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=A\\_HFxALrTS8](https://www.youtube.com/watch?v=A_HFxALrTS8)>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRUM, Eliane. Doente de Brasil. **El País**. Brasília Standard Time. 02 ago. 2019.

BRUM, Eliane. Limites da Linguagem. **El País**. Brasília Standard Time. 04 ago. 2014.

BORGES, Carolina Nunes Leal de Oliveira. **À flor da pele: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). ISPA – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2012.

BUARQUE, Chico. **O que será (A flor da terra)**. Brasil: gravadora Phonogram/Philips, 1976. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yh744ic-wBY>>. Acesso em: 11 set. 2019.

COSTA, Jurandir Freire. O sentido do sentido em Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 196.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2013.

CAMPOS, Regina Helena Freitas. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, 144p.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo inFormação**. São Paulo, v.17, n. 17, p. 87-105, 2013.

DEL VOLGO, Marie-José. **O instante de dizer: o mito individual do doente sobre a medicina moderna**. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 1998, 194p.

DEL VOLGO, Marie-José. Tratamento psíquico e tratamento somático na criança e no adulto. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 12–25, 2004.

FERNANDES, Oliveira Carla; REYS, Bruno Neto dos; BESSET, Vera Lopes; VERAS, Marcelo Frederico Augusto dos Santos. Corpo e fenômeno psicossomático na clínica psicanalítica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 547-561, 2015.

FERNANDES, Carla Oliveira. **A psicanálise mais além do silêncio do fenômeno psicossomático**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 176p.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1901-1905, 196p.

FREUD, Sigmund. **Fragmento de uma análise de histeria: o caso Dora**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora L&PM, 1905/2019, 192p.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber**, artigos sobre técnica e outros trabalhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1911-1913, 210p.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1901-1905, 380p.

FREUD, Sigmund. **Um estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas, Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1925-1926, 648p.



FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1923-1969, 13-80p.

PM mata homem que manteve passageiros de ônibus reféns na ponte Rio-Niterói. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 20 ago. 2019. Disponível em: <  
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/homem-armado-ameaca-passageiros-de-onibus-na-ponte-rio-niteroi.shtml>> e Acesso em 18 abr. 2020.

FORTES, Isabel; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Automutilação na adolescência – rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017.

FORTES, Isabel; WINOGRAD, Monah; PERELSON, Simone. Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual. **Psicologia USP**. v. 29, n. 2, p. 277-284, 2018.

GARRETO, Anna Karla Rabelo. **O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. 2015. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Medicina de São Paulo, 2015.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Relações comunitárias - Relações de dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 81-99p.

GELLIS, André; HAMUD, Maria Isabel Lima. Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 22, n. 3, p. 635-653, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** (1927). Petrópolis: Vozes, 2001, 300p. Disponível em: <  
<http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/PFC.%20HEIDEGGER-%20Martin.%20Ser%20e%20tempo-%20parte%201.pdf/view>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Frases de Martin Heidegger (1927)**. Disponível em: <  
[https://www.pensador.com/martin\\_heidegger\\_frases/](https://www.pensador.com/martin_heidegger_frases/)>. Acesso em: 26 jun. 2020.

HOLTON, Gérald. **L'imagination scientifique**. 1. ed. Paris: Gallimard, 1973, 496p.

JAMISON, Kay Redfield. **Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1996, 288p.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1901-1981, 327p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** (1968-1969). 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, 412p.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-1973). 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 201p.

LACAN, Jacques. **Conferência em Genebra sobre o sintoma** (1975). Opção Lacaniana, São Paulo: Eólia, 1998, 6-16p.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência** (1961). 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010, 488p.

LACAN, Jacques. **O Seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1973). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, 277p.

LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1953/1998, 238-324p.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. **O corpo em Psicanálise. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-250, 2006.

LEITE, Julia Cristina Tosto. **Dimensões do amor. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 130-133, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. 1. ed. Brasil: Roco, 1998, 277p.

MACHADO, Bruno Focas Vieira. **Benveniste e Lacan: sobre o sujeito e o discurso. Revista Prolíngua**. v. 4, n. 2, p. 78-87, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. 1º ed. Paris: Gallimard, 1945, 560p.

NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, 221p.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 171p.

NISBET, Robert A. **The sodological tradition**. 1. ed. Londres: Routledge, 1973, 370p.

NICK, Eva. Culpa ou preocupação?. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 105-130, 1983.

OLIVEIRA, Adriano Machado; CASTRO, Eduardo Guilherme. Entre Deus, a culpa e o pecado. **Revista Psico**. v. 40, n. 2, p. 253-259, 2009.

PESSOA, Fernando. **Poesia 1931-1935 e não datada**. Lisboa, Assírio & Alvin, 2006.

PETER, Weir. **Sociedade dos poetas mortos**. Estados Unidos: Disney/Buena Vista, 1989. Vídeo YouTube (128 min.): son., color., Dublado, port.

QUINET, Antônio. I can get, yes, satisfaction. In: \_\_\_\_\_. **O amor e suas letras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011, 28-32p.

QUEIROZ, Edilene Freire de. Dor e gozo: de Freud a Lacan. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 851-867, 2012.

RAVANELLO, Tiago; MARTINEZ, Marisa de Costa. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, 2013.

REY, Pierre. **Uma temporada com Lacan**: relato Pierre Rey. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990, 161p.

SANTOS, Amanda Albino dos; et al. Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências. **Temas em Saúde**. João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 120-147, 2018.

SAWAIA, Bader Burian. **Psicologia social comunitária**: da autoridade à autonomia. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, 144p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe (1943)**. Rio de Janeiro: Agir, 2001, 71p. Disponível em: <[https://www.sesirs.org.br/sites/default/files/paragraph--files/o\\_pequeno\\_principe\\_-\\_antoine\\_de\\_saint-exupery\\_0.pdf](https://www.sesirs.org.br/sites/default/files/paragraph--files/o_pequeno_principe_-_antoine_de_saint-exupery_0.pdf)>. Acesso: em 18 fev. 2021.

SILVA, Felipe Cotia Lyra; CASTRO, João Pedro Almeida Viveiros; FORTES, Maria Isabel. A presença do corpo e da imagem na clínica psicanalítica atual: um estudo sobre a

automutilação. **Departamento de Psicologia**. Rio de Janeiro, p. 12, 2019. Disponível em: <  
[http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio\\_resumo2019/download/relatorios/CTCH/PSI/PSI-Felipe%20Cotia%20Lyra%20da%20Silva,%20Joao%20Pedro%20Almeida%20Viveiros%20de%20Castro.pdf](http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2019/download/relatorios/CTCH/PSI/PSI-Felipe%20Cotia%20Lyra%20da%20Silva,%20Joao%20Pedro%20Almeida%20Viveiros%20de%20Castro.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, Renato de Oliveira. O Amor em Psicanálise: Considerações sobre o filme Tristana, de Luis Buñuel. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 298-315, 2015.

SCOTTI, Sérgio. Culpa e Gozo, Psicanálise e Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Santa Catarina. v. 16, n. 1, p. 217-221, 2003.

VILHENA, Junia de. Corpo como tela... navalha como pincel. A escuta do corpo na clínica psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 19, n. 4, p. 691-706, 2016.

VILHENA, Marília; PRADO, Yumnah Zein. Dor, angústia e automutilação em jovens – considerações psicanalíticas. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 94-98, 2015.

WINOGRAD, Monah; MENDES, Larissa da Costa. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 211-223, 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brinca & a Realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975, 256p.